

Geografia e Peregrinação

Geography and Pilgrimage

José Arilson Xavier de Souza
Professor Dr. Adjunto da Universidade
Estadual do Maranhão, Brasil
arilsonxavier@yahoo.com.br

Resumo

Refletir acerca da relação entre geografia e peregrinação é a intenção deste artigo. Tal relação é investigada à luz das dimensões espaço-culturais que marcam a vida dos homens peregrinos. Com efeito, as peregrinações são compreendidas como processos de raízes geográfico-sociais que relacionam espaços, tempos e indivíduos e contextualizados mundos de significados, desvelando, assim, uma espécie de *geografia das peregrinações*. Ao focar na prática das peregrinações a pé, a noção de busca pelo espaço sagrado é ainda privilegiada nas reflexões impostas.

Palavras-chave: Geografia; Peregrinação; Geografia das Peregrinações.

Abstract

To reflect on the relation between geography and pilgrimage is the intention of this article. The relation is investigated to the light of space-cultural dimensions that have been striking the life of pilgrim men. As an effect, the pilgrimages are understood as processes of geographical-social roots that relation spaces, times and individuals and several contextualized significances, exposing, like this, a kind of *geography of pilgrimage*. In focus in the pilgrimage practicals on foot, the notion of searching for the sacred space it is yet privileged in the imposed reflexions.

Keywords: Geography; Pilgrimage; Geography of Pilgrimages.

1. INTRODUÇÃO

As peregrinações têm sentidos geográficos por envolverem uma dinâmica entre espaços, incluindo os espaços do cotidiano, os itinerários simbólicos experienciados em viagem e o espaço sagrado buscado. Desta maneira, peregrinar traduz movimento do homem no espaço.

Reunidos num tecido social transformável ao longo dos tempos, as crenças, as práticas e os discursos do homem religioso revelam uma vida de representação cultural e espacial que busca no além o sentido da existência. Esses saberes estão ligados ao modo de agir, aos processos e às estratégias desenvolvidas individualmente, mas também são políticas imaginadas por grupos (CLAVAL, 2010).

Para o peregrino, a geograficidade da sua prática contribui decisivamente para proporcionar animação à vida e a Terra¹. Neste sentido, tem-se “a fé na esfera da interferência do *santo* na solução de seus anseios aqui na Terra” (ROSENDAHL, 2012a, p. 152). Assim, os centros de peregrinação são buscados, na maioria das vezes, por crentes-devotos desejosos de seus poderes sobrenaturais, o que lhes confere qualidade e alimenta sua capacidade de atração.

O peregrino expressa valores e confiança nos espaços sagrados, o que pode ser verificado por meio dos seus comportamentos, de teor físico e simbólico. As dinâmicas dos espaços e tempos das peregrinações denotam manifestações de fé e devoções populares definidas social e culturalmente, comportando aproximações com dimensões da vida que ultrapassam o aspecto religioso. Sobretudo nos períodos festivos, relações com práticas seculares podem ser ensejadas. Conquanto reconheçamos a importância de estudos que se debruçam sobre estes direcionamentos, cabe ratificar que o meu interesse está na peregrinação como projeto de exaltação espiritual e religiosa.

Não à ventura, para efeitos deste artigo ensaio, os movimentos no espaço dos peregrinos a pé, e os *pensamentos* que os acompanham, terão um tratamento especial. Como parece ser requisitado por pesquisas desse caráter, discorrerei em alguns momentos sobre as peregrinações fazendo uso de uma leitura que extrapola as compreensões geográficas, para assim então conduzir a discussão mais direta sobre a relação entre geografia e peregrinação.

2. A PRÁTICA DAS PEREGRINAÇÕES

Peregrinação é um termo oriundo do latim (*peregrinatione*) e tem significado relacionado com viagens realizadas *pelos campos*, sendo posteriormente associado a viagens empreendidas para o encontro com um santuário ou lugar sagrado como ato de devoção religiosa. O peregrino (em latim *peregrinus*) é o indivíduo que realiza tal jornada, o estrangeiro (de fora), o viajante. Originalmente, o peregrino não é só aquele que vai a algum lugar, mas antes de tudo *aquele que não está em casa*² (GROS, 2010). Peregrinar seria caminhar por terras *desconhecidas*, sugerindo a existência de uma alma curiosa e disposta a manter contato com forças sagradas (PARK, 2004).

Significativa forma cultural e ritual, presente em diversas culturas e sociedades, não se sabe ao certo quando que a peregrinação passa a fazer parte das práticas dos homens. Victor Turner

¹ Refiro-me a Terra em sua *geograficidade*, e não como dado bruto a ser medido. Ver: DARDEL, Eric. *O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011. Para Dardel, a geograficidade expressa a própria essência geográfica do ser que habita o mundo como lugar e paisagem, permitindo uma leitura fenomenológica da experiência humana de existir nesta base física.

² “Na Antiguidade clássica o termo ‘peregrino’ era aplicado a todos os estrangeiros que chegavam a um determinado lugar, independente dos objetivos da sua viagem” (CARNEIRO, 2007, p. 33). Por este entendimento, baderneiros, ladrões, comerciantes, dentre outros, eram tachados de peregrinos.

(2008),, contudo, encontra registro de práticas de peregrinação em sociedades arcaicas, tais como o Egito antigo, a Babilônia, as civilizações da Mesoamérica e a Europa pré-cristã. O autor ainda denota a sua inquietação investigativa afirmando que teria buscado indícios de peregrinação também nas chamadas sociedades iletradas. Na tradição cristã, o fenômeno tem início com o testemunho da peregrina Aquitânia Egéria a caminho de Jerusalém no fim do século IV, e institucionaliza-se desde a Alta Idade Média com as investidas no múltiplo Caminho de Santiago de Compostela, devido à expressão que teve na Europa.

Ao que se sabe,

a realização de peregrinações constitui um patrimônio cultural comum a muitos povos, caracterizando-se como uma forma típica de sua expressão religiosa em termos individuais e sociais. A peregrinação é uma das mais antigas formas de migração humana, estimulada por motivos não estritamente econômicos, provavelmente existentes desde as religiões pré-históricas, e que se tornou uma realidade de relevância e impacto ainda mais notáveis com o surgimento dos grandes sistemas de crença (SANTOS, 2010, p. 147).

Signo e testemunha de fé, as peregrinações desenvolveram-se em maior grau motivadas pelas grandes religiões históricas, como Cristianismo, Islamismo, Judaísmo, Hinduísmo, Budismo, Confucionismo, Taoísmo e Xintoísmo. Tanto no Ocidente como no Oriente, em tempos passados e nos dias atuais, apresentando uma variedade de locais de culto, bem como de motivações e finalidades, o fenômeno das peregrinações traz à luz a crença do homem religioso em lugares especiais. Há uma espécie de necessidade de extrapolar o universo dos espaços sagrados vividos costumeiramente: entrega-se a outras paragens em nome de um espaço sagrado distante.

Os locais de peregrinação são quase sempre marcados por hierofanias relacionadas com os restos mortais de apóstolos, santos ou heróis, ou ainda por objetos e relíquias que foram de suas posses, ou pelo fato de terem ali passado. Ver São Tiago em Compostela, São Paulo e São Pedro em Roma, e o túmulo de Cristo em Jerusalém. Templos, santuários, grutas, rios, dentre outras formas, são compreendidos como pontos de peregrinação. O peregrino é o agente que atualiza a cosmologia desses espaços. No plano coletivo, a religião aponta os locais dignos de simbolizarem caminhos de peregrinação.

Em se tratando dos cristãos, segundo Carneiro (2007), as peregrinações têm origem nas venerações aos lugares sagrados e nos cultos aos santos. A autora chama atenção para o fato de que a concepção de peregrinação na ideologia cristã passou por um longo processo entendimento, que vai desde o conceito de vida como uma peregrinação até a ideia de se empreender voluntariamente um exílio para seguir os passos de Cristo. Além da concepção de ser uma prática de exaltação espiritual, no estudo da Idade Média, a peregrinação tanto tinha o voluntarismo como marca, como podia ser imposta como penitência ou castigo aos homens de má conduta. Assinala-se que já neste

período as peregrinações cristãs tinham o teor de expiar as culpas, de fazer cumprir votos feitos em momentos de perigo e como modo de agradecimento pela cura de enfermidades³.

Na maioria das vezes, os peregrinos são atraídos aos centros de peregrinação em virtude das notícias de milagres que estes acumulam. Contudo, quando nos reportamos aos dias atuais, dado o desenvolvimento da sociedade e a ampliação dos sistemas de comunicação, transportes e serviços, dentre outros fatores, é preciso que atentemos para outras motivações que se coadunam com o componente religioso. Nesta ordem, as peregrinações também podem ser compreendidas como práticas de turismo (BHARDWJ, 1997; OLIVEIRA, 2001; SANTOS, 2006; CARNEIRO, 2007). A própria Igreja Católica, que já resistiu em aceitar que chamassem os *seus* peregrinos e romeiros de turistas, talvez enxergando nessa uma ação de secularização, hoje está envolvida com o mercado do turismo, inclusive restaurando patrimônios para fins de visitação e organizando roteiros turísticos para centros religiosos.

Carneiro (2013) dedica-se a entender as relações entre peregrinação e turismo procurando discutir, especialmente, como a peregrinação vem sendo ressignificada e, em alguns casos, pode assumir um sentido próximo ao de atração turística. Em seu trabalho de doutoramento⁴, estudou a peregrinação ao Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, e mais recentemente analisa as novas peregrinações inspiradas no Caminho de Santiago no Brasil, a partir dos anos 1990, envolvendo os discursos da Igreja Católica, de prefeituras e de associações e agências de turismo. Dessas últimas reflexões, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e Rio Grande do Sul apresentam caminhos pelos quais a pesquisadora se debruçou.

Fruto da análise acerca das narrativas de peregrinos, a respeito dos sentidos da experiência de peregrinar, Carneiro (2013, p.136) interpreta:

[...] as peregrinações são descritas como experiências que podem proporcionar aos peregrinos “conhecimento de si mesmos”, “introspecção”, “despojamento material” em uma dimensão mais subjetiva. Mas também pode favorecer o contato dos peregrinos com “paisagens”, com uma “natureza exuberante” e com “belos quadros da natureza”. Além disso, valoriza-se a possibilidade de conhecerem, durante o percurso, “patrimônios nacionais”, “sítios históricos e arqueológicos”, ruínas etc. Ao mesmo tempo aponta-se uma dimensão da experiência de se realizar esses caminhos que pode significar também uma peregrinação “mística” ou “religiosa”, por meio da qual podemos ter “aproximação de Deus”, contato com o “Criador” e “fervor religioso”. Seguindo ainda a polissemia dos sentidos, a experiência de peregrinação pode conjugar também lazer, esporte e ecologia, sendo que esses “atributos” ou “atrativos” não são excludentes, mas combinam-se de acordo com a interpretação muitas vezes construída pelos idealizadores destas rotas, servindo de suporte para suas distintas imagens e representações.

³ As peregrinações que se reservavam exclusivamente para render culto aos apóstolos e santos eram consideradas, por muitos, como *mais verdadeiras*.

⁴ CARNEIRO, Sandra de Sá. “Rumo a Santiago de Compostela: os sentidos de uma moderna peregrinação” (Tese). UFRJ, 2003.

Num contexto de práticas e dinâmicas plurais, instigando os valores mítico-religiosos, em que pese o contato com o sagrado e o favorecimento do conhecimento pessoal, a representação de momentos de sociabilidade e envolvimento com a natureza, o conhecimento de patrimônios histórico-culturais e ainda relacionando esporte e lazer, cabe à análise científica um empenho para entender quais os significados que as peregrinações têm na vida dos homens. Entende-se, portanto, que o conceito de peregrinação deve ser compreendido a partir do ponto de vista do peregrino. Ninguém melhor que o peregrino para qualificar a experiência de peregrinar. Os estudos devem perceber e valorizar a multiplicidade das experiências e atentar para o conteúdo das narrativas dos peregrinos, pois os sentidos das jornadas tendem a ser constituídos e elaborados de diferentes universos de significado, podendo se examinar as peregrinações como processos sociais (TURNER, 2008).

Há de se considerar ainda que atualmente o peregrino tem a seu alcance um conjunto vasto de informações (históricas, geográficas, econômicas e culturais) a respeito dos centros de peregrinação, o que lhe permite a realização de uma espécie de *ciberperegrinação* (JORGE, 2012). Diante desta base, é possível ao *ciber-peregrino* a realização de preces e doações online, acender velas virtuais, conhecer os caminhos e a estrutura dos centros de peregrinação e acompanhar celebrações em tempo real. Pensa-se, portanto, que a utilização destes recursos pode levar à visita física, contribuindo, incisivamente, para a constituição simbólica dos espaços de peregrinação.

Em todo caso, em meio à complexidade de novas formas e apelos, a peregrinação é um fenômeno de fortes incidências espaciais, e assim falo de *geografia das peregrinações* para denotar a atenção por este tema.

3. GEOGRAFIA DAS PEREGRINAÇÕES

“As palavras religião, sagrado, peregrino, entre outras, não aparecem nos dicionários básicos de geografia, embora indiquem experiências humanas repletas de significados e de nítida dimensão espacial” (ROSENDAHL, 2006, p. 119). Park (2004) refere-se à peregrinação como manifestação de atratividade dos espaços sagrados. Logo, sugerindo mobilidade e produção de espaços de relacionamento humano, a peregrinação traduz um modo de agir no mundo com as suas devidas espacialidades, merecendo ser analisada geograficamente (BHARDWAJ, 1997; PARK, 2004; ROSENDAHL, 2006; SANTOS, 2006; CARBALLO, 2009).

Santos (2010), no artigo *Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica* designa movimento, motivação, destino, magnitude e distância como elementos caracterizadores da expressão espacial peregrinação. Após analisar a contribuição de vários geógrafos no estudo da peregrinação, a autora sintetiza assim uma concepção:

As peregrinações são fluxos de pessoas que, por motivações exclusivas ou predominantemente religiosas, se deslocam, de um lugar marcado pelas práticas e relações de cotidiano (domicílio, trabalho, família, vizinhança) para um outro (santuário, centros religiosos, locais de festividades religiosas etc.), na procura de “fontes” de caráter espiritual ou local adequado para a prática de atos de devoção religiosa, assumindo variadas formas de culto divino, mariano ou dos santos (SANTOS, 2010, p. 177).

Cada peregrinação tem as suas especificidades. Segundo Stoddard (1997), as peregrinações podem ser classificadas levando em consideração diversos fatores, tais como: fundamentação religiosa, localização dos centros religiosos, tipo de hierofania, envolvimento institucional e criatividade do peregrino, modo de peregrinar, poder de sincretismo, entre outros. Enquanto estudo geográfico relevante, Rosendahl (2012) apresenta, a partir de pesquisas de campo, uma análise que permite o conhecimento das semelhanças e diferenças de três hierópolis católicas brasileiras: Santuário de Jesus Crucificado de Porto das Caixas (Itaboraí-RJ), estudada entre 1990 e 1994, Nossa Senhora da Abadia de Muquém (GO), pesquisada entre 1991 e 1993, e Santa Cruz dos Milagres (PI), analisada em 1993.

Pelo que se assevera, “não haveria peregrinação sem a crença na manifestação do sagrado, num espaço determinado” (RIVIÈRE, 2008, p.37). Reproduzindo propriedades de outras mobilidades humanas, a peregrinação envolve um local de saída (que pode ser residencial ou algum ponto de encontro público), um itinerário (quase sempre composto de elementos religiosos e formas simbólicas situadas em pontos estratégicos, com a forte presença de paisagens naturais) e um destino (composto, por exemplo, de um santuário). “A peregrinação garante o desabrochar de uma inserção no espaço” (RIVIÈRE, 2008, p. 38) e permite o seu reconhecimento. Em seu conjunto espacial, traduz sacralidade aos olhos do homem penitente. Subsiste, assim, uma problemática geográfica no curso das peregrinações. Em outras palavras, uma *geografia das peregrinações*⁵ se manifesta no tempo e no espaço.

A ciência geográfica, sobretudo a partir das mudanças epistemológicas e dos novos horizontes teórico-metodológicos apresentados nas últimas décadas, vem se aprofundando no tema peregrinação, ampliando os quadros descritivos a respeito de seus arranjos espaciais e a capacidade de interpretá-los. Os estudos passaram a considerar aspectos endógenos da cultura, seus símbolos e a percepção dos homens. As análises humanísticas deram um novo alento à pesquisa à medida que enfatizaram as experiências do lugar. Essa mudança gerou profundas implicações nos estudos geográficos das peregrinações (BHARDWAJ, 1997). Por outro lado, ao contribuir para a

⁵ Sobre esta ideia conceitual, SANTOS (2006, p. 179) inscreve algumas expressões na discussão, seguido dos nomes de seus respectivos autores: *geographie des pèlerinage* (DEFFONTAINES, 1948; BERTRAND e MULLER 1999); *geografia dei pellegrinaggi* (IMBRIGHI, 1961: 110); *geography of pilgrimage* (RINSCHEDÉ, BAHRDWAJ e SIEVERS, 1994); *geography of pilgrimages* (SINGH, 1997).

inteligibilidade do fenômeno em questão, dada a sua multidimensionalidade, a geografia utilizou-se dos estudos de antropólogos, sociólogos, historiadores, psicólogos, teólogos e de outros cientistas.

Retomo o pensamento de Philip Wagner (1997), em *Pilgrimage: Culture and Geography*, a fim de reabrir a discussão sobre a peregrinação como uma prática humana que tem a capacidade de comunicar mensagens relacionadas ao modo de pensar e viver sagrado. Para Wagner, os locais de peregrinação oferecem-se como recursos disponíveis para ações propícias ao bem-estar espiritual daqueles que creem nas suas simbologias. Dada uma reflexão cultural, o interesse pela peregrinação demonstra que a geografia também lida com a ideia de mais de um mundo e toma como base os centros religiosos topologicamente situados no meio social. Por esta perspectiva, Rivière (2008, p. 39) conceitua a peregrinação como “itinerário da topologia à cosmologia”.

Numa *concepção tradicional* dos estudos geográficos, poder-se-ia dizer que o sagrado é inerente aos lugares de peregrinação, e o mero ato de peregrinar pelo espaço outorgaria benefícios àquele que o empreendesse. O poder milagroso seria imanente ao espaço e se manifestaria nele por meio de revelações do divino. Já na dita *concepção pós-moderna*, defende-se a tese de que os significados sagrados não estão dados no espaço, uma vez que são atribuídos a ele pelos peregrinos que nele transitam, e assim o simbolizam. De qualquer maneira, tomando por base tanto uma concepção como outra, ratifica-se que a busca do sagrado em peregrinação só se dá por meio do espaço ou em referência a ele (ROSENDAHL, 1996; PARK, 2004).

A peregrinação pode ser estudada a partir dos impulsos espirituais e físicos do homem na busca de realizações materiais e imateriais atreladas à esfera social do viver. O ato de peregrinar é físico e simbólico. É geográfico e cultural. Relaciona valores e significados expressamente definidos em múltiplos espaços, podendo funcionar como fator estruturador da vida.

Estimo o peregrino como um ser criativo e que sabe tirar proveito do espaço, dotando-o de uma força digna de gerar uma busca, por vezes sacrificante. Nestes termos, o espaço das peregrinações adquire aptidão capaz de influenciar na vida social e nos comportamentos do homem religioso. Peregrino e Terra são vinculados como partes de uma relação concreta, geográfica, sendo possível, portanto, vários níveis de interpretação acerca do que é habitar a superfície terrestre em busca do sagrado (DARDEL, 2011).

A noção de *busca* é preponderante nos estudos geográficos sobre as peregrinações. Explicitamente ou não, falar em peregrinação é fazer referência a uma busca. Lança-se ao encontro de um espaço sagrado. Conquanto o sagrado se faça presente no cotidiano e na decisão do peregrino por tal jornada, como também no seu retorno, podendo ter sido potencializado depois das vivências do fazer peregrinar, é pelo movimento de busca por determinado destino que recai a inquietação, e pode-se dizer encantamento, do geógrafo. As motivações animam a busca. Em vista disso é que se afirma que o local de peregrinação é significado inicialmente pelo peregrino. Para além do espaço

físico do centro de peregrinação, a busca tem relevância no imaginário social-religioso. A peregrinação tem efeitos psicossociais.

Adotando uma linha de reflexão que valoriza o enraizamento e os benefícios da autorrealização obtidos a partir da interação do peregrino com o meio, Anne Osterrieth (1997) refere-se à busca em peregrinação como sendo uma aventura geográfica com meta espiritual. No tocante ao ato de peregrinar, a autora compreende que o seu valor está nos esforços, privações e riscos aos quais se expõe o peregrino. A peregrinação é avaliada como gratificante quando oferece ocasiões para que o peregrino obtenha a sensação de realização e confiança de que é digno a comparecer perante o Todo-Poderoso.

Infere-se que a busca em peregrinação traduz uma questão de competência e desempenho que perpassa pela interface espacial. Vejamos o esquema utilizado por Osterrieth (1997) sobre as fases dessa busca (Figura 1):

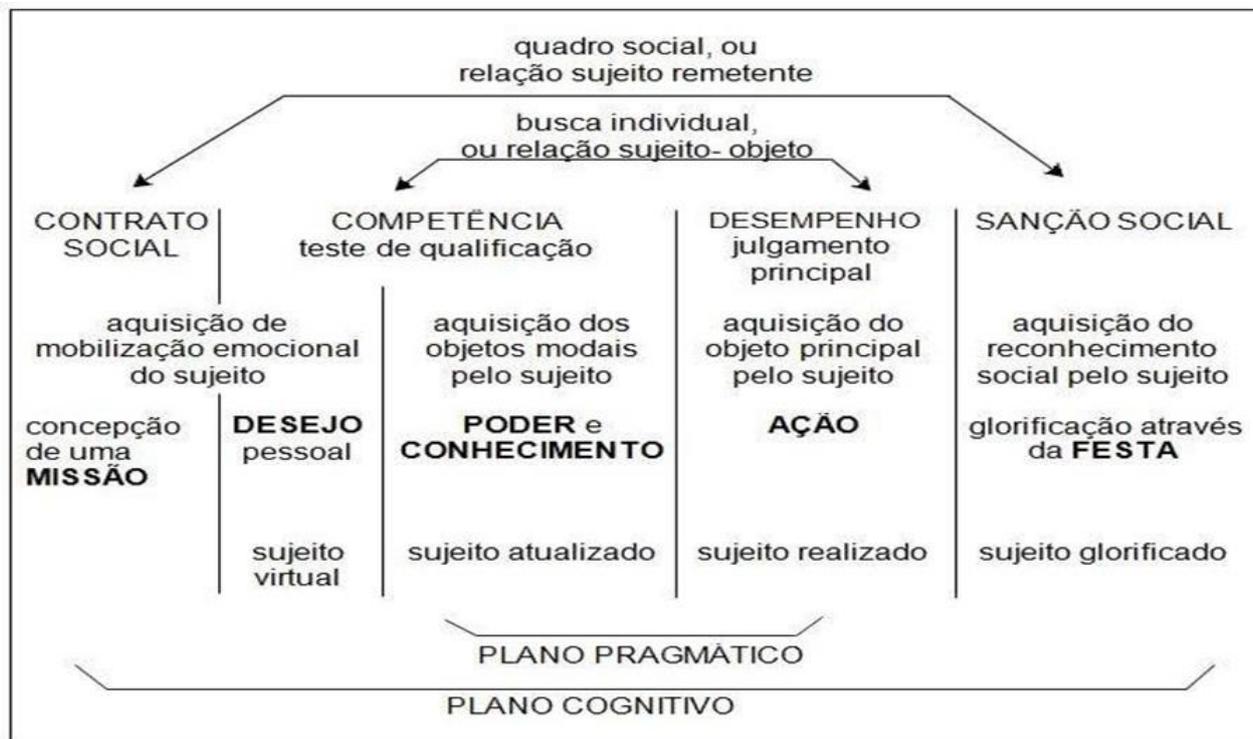


Figura 1 – As fases de uma busca.⁶

Fonte: Everaert-Desmedt (1981) citado por Osterrieth (1997, p. 28).

Efetivamente, o conteúdo esquemático apresentado sugere que a prática das peregrinações deve ser examinada por meio dos planos cognitivos e pragmáticos constituintes do modo de ser humano – habitante da terra, construtor e legitimador de espaços. Situando a peregrinação no contexto social, como busca individual que relaciona sujeito e objeto (entendido como espaço

⁶ Assim como para todo o conteúdo do esquema, essa é uma tradução minha de “The stages of a quest”. Penso que a análise não será prejudicada caso se queira chamar de *missão* o que traduzi como *busca*.

sagrado), competência e desempenho são postos como fases centrais da busca; poder e conhecimento são tidos como essenciais para a execução da ação e alcançar o objeto. Contrato e sanção social são compreendidos no plano cognitivo da aventura geográfica de peregrinar e estão relacionados às conquistas pragmáticas da busca, enquadrando competência e desempenho. Após a busca o peregrino recebe a consagração, festeja e é festejado. De todo o processo, as ações do peregrino têm alto poder comunicativo e a sua identidade tende a ser transformada pela experiência. Em juízo da busca como fora conceituada, é elementar considerá-la em sua raiz geográfico-social.

Neste sentido, ao analisar as práticas peregrinas na Argentina, Carballo (2009, p. 32) entende que:

Las peregrinaciones a santuarios (o lugares sagrados) como espacialidad dinámica son procesos rituales que ponen en acción valores y símbolos dominantes de la sociedad. La peregrinación puede ser entendida como un ritual de tránsito liminal que conduce a las personas a un estado emocional que les permite introducirse en un espacio-tiempo sagrado.

Reconhece-se que as peregrinações possuem valores simbólicos relacionados com a dinâmica social, demonstráveis pela fé e por um caráter extraordinário. Entende-se que os símbolos e significados que constituem a peregrinação devem ser interpretados sobre a noção de ritual, o que envolve sentimentos e emoções numa perspectiva de experiência transcendental. Com efeito, a peregrinação encerraria um espaço-tempo ontológico, fundado por um conjunto de elementos que reduz as forças da cotidianidade.

Em outra contribuição, Carballo (2010, p. 122) acende a discussão sobre os aspectos socioculturais influenciadores da ação do homem peregrino, atentando para o fato de que “los elementos que configuran el *espacio sagrado* como lugar de peregrinación se organizan según una lógica y valoración que responde a una articulación flexible entre *lo sagrado institucional* y *lo sagrado como experiencia vivida*”. Contudo, no que concerne aos elementos de um sagrado institucional e um sagrado como experiência de vida, certamente detonadores de forças motivadoras, parece que o *sentimiento* é o que motiva a jornada de peregrinação. E a propósito desta questão, de acordo com Bhardwaj (1997), a peregrinação é uma experiência espacial do sentimento.

Pensando de modo semelhante, Claude Rivière (2008, p. 39), em estudo empreendido acerca da peregrinação africana tradicional, esclarece:

A peregrinação é uma espacialização emocional do desejo. Visa essencialmente reduzir a distância entre o indivíduo e seu deus, por meio de seu deslocamento. Essa distância mental, ou se podemos dizer, distância interpessoal, sendo pensada de modo espacial. O peregrino se aproxima do mito, do profeta, dos ancestrais ou dos deuses do clã. Ele deseja um contato com eles, como se a concupiscência sacralizada da proximidade motivasse o

homem à percorrer as savanas e a atravessar montanhas, como se eles tivessem necessidade de uma pista do divino.

Ao final desta seção de discussão, cumpre salientar que os pensamentos de Victor Turner (2008) sobre o poder liminar das peregrinações e os seus estudos a partir da noção de ritual tiveram grandes reflexos no âmbito das ciências humanas, incluindo as pesquisas geográficas, que hoje parecem instigadas por novas abordagens e perspectivas. Talvez tocado por esse momento, proponho para análise o modo de peregrinar a pé.

4. DIMENSÕES ESPAÇO-CULTURAIS DAS PEREGRINAÇÕES

Seja na geografia, seja em outras ciências, a literatura tem discorrido sobre a prática das peregrinações a partir de uma abordagem generalizadora. Essa tal movimentação do homem no espaço tem sido debatida de modo indistinto quanto às diferentes *maneiras de fazer* a peregrinação. À bem da verdade, penso que parte considerável desses estudos faz referência às peregrinações a pé. Diante desse quadro, esclareço que, a partir de então, provocarei reflexões tendo em vista as dimensões cultural-espaciais desse tipo de peregrinação citado por último, o que não quer dizer que aquilo que foi dito anteriormente não seja válido para tanto.

As peregrinações a pé, denominadas por alguns peregrinos como *autênticas peregrinações*, exprimem uma geograficidade extraordinária, representando um caso paradigmático de experimentação do espaço por vias do corpo. Sob vários aspectos, trata-se de uma prática espacial que exige uma atenção especial do pesquisador tendo em vista a interpretação das qualificações correlacionadas com as espacialidades criadas. Em um breve ensaio que segue este esforço, Souza (2013, p. 3757) considera:

Aventurar-se ao largar a tranquilidade do lar, de mochila nas costas e o cajado em mãos, passar por caminhos por vezes desconhecidos, enfrentar as intempéries climáticas e outras surpresas da natureza, seja dia ou noite, sozinho ou em grupo, encontrar-se com outros do mesmo credo e desfrutar de certo convívio social, disputar espaços com outros, parar, descansar, se pôr a marchar, orar e vigiar, dispensar ladainhas, pedir, agradecer, deparar-se com formas espaciais religiosas dispostas pelo itinerário, alimentar o corpo e o espírito em busca de um santuário, de um espaço sagrado, são algumas das qualificações da experiência religiosa das peregrinações a pé.

O ato de peregrinar a pé funda um sublime estilo de apreensão táctil com apropriação cenestésica. Conquanto não trate de peregrinações, podemos associá-la com as experiências espaciais de cunho antropológico, poético e mítico discutidas por Certeau (2012). Em peregrinação os corpos parecem compor versos misteriosos do habitar a Terra. Como exemplificação, o ensaio “Petarca na montanha: os tormentos da alma deslocada”, que abre o livro *Ver a terra – seis ensaios*

sobre a paisagem e a geografia, de Jean-Marc Besse (2006), pode ser estudado em correlação com as experiências paisagísticas, topográficas e espirituais que vivem os peregrinos a pé. Por ocasião, se discute a narração de uma espécie de “peregrinação espiritual” vivida pelo poeta italiano Petrarca em direção ao monte Ventoux.

Ao caminhar em peregrinação, o homem religioso tende a se colocar numa situação de engrandecimento espiritual. Ele busca o sagrado que está concentrado no templo, avivado em momentos de celebração religiosa, e talvez possa valer-se de um sagrado que o acompanha passo a passo. Ele se fortalece como o sagrado que se manifesta no espaço, no lugar, no território e na paisagem; sagrado qualificado na natureza e em formas espaciais religiosas não só encontradas, mas por ele reconhecidas.

A pé, em devoção, o peregrino se dispõe a uma renúncia e revela privações em um exercício de exaltação do divino. “A palavra sacrifício é essencialmente religiosa: sacrificar (*sacrum facere*) significa tornar sagrado” (SUAVET, 1960, p.242). A busca pelo espaço sagrado em oração, desprovida de transportes e de outros aparatos facilitadores da locomoção, por vezes escolhendo os acessos mais difíceis e, em alguns casos, o cumprimento da proibição estabelecida pelas instituições religiosas da realização de relações sexuais e do uso de bebidas alcoólicas, por exemplo, compõem o enredo do sacrifício de peregrinar. Na oportunidade, o próprio peregrino, por meio do seu corpo e do espírito, postos em situação de excepcionalidade, pode ser acometido por forças que o sacralizam em meio às ações religiosas desenvolvidas no curso de sua viagem (MARTINS, 2009)⁷.

Os saberes populares sugerem que *há peregrinos e Peregrinos*. Essa ideia exprime uma qualificação maiúscula ao segundo nomeado por ele se mostrar mais habituado em participar dos eventos religiosos, praticando atos com forte representatividade da fé e apego às santidades. Esse *segundo peregrino* indicado seria mais afeito a desafios que exigem grandes esforços, pois, em sua mente, realizada desse modo, a peregrinação pode trazer benefícios que de outro jeito não seria possível. A saber, há culturas em que as peregrinações a pé são interpretadas como trampolins para o aumento do status social, descortinando uma série de vantagens. Em outras, representam o ápice da experiência religiosa que é a vida. Percebe-se, portanto, o amplo campo de significados culturais das peregrinações (STUMP, 2008).

Praticadas em espaços considerados de enunciação, as peregrinações a pé são compostas por variadas intenções, pois “sempre se caminha em um contexto” (LABBUCCI, 2013, p. 10),

⁷ Ver: MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2009. Esta obra tem como centro de discussão os papéis sociais do fotógrafo e da fotografia, e quando trata da religião por meio desses *instrumentos*, traz registros em imagens da sacralização dos corpos de religiosos. Na perspectiva atribuída, o imaginário da fé é entendido como construção social e a fotografia concorre para tanto.

representando elevado modo de (r)e(s)istência⁸: a) há aqueles que estabelecem contrato com as santidades por meio de promessas; b) há os que fazem para agradecer por graças alcançadas; c) há quem realiza pedidos em peregrinação; d) há aqueles que se acham, de alguma maneira, em dívida com o mundo espiritual; e) há quem parece querer ganhar certo crédito com as santidades. É preciso assinalar que a instituição religiosa pode instigar a busca por seus espaços de peregrinação, assegurando-se de auferir testemunhos que corroborem favoravelmente com as suas iluminações espirituais, produzindo religiosidades (MONTCHEULL, 1962). Ademais, “caminha-se também para dar um basta e eliminar-se: acabar com a agitação do mundo, o acúmulo das tarefas, o desgaste [...] Caminhar, desprender-se, partir, largar” (GROS, 2010, p. 113).

As respostas aos questionamentos realizados aos peregrinos a respeito das suas motivações e intenções colocadas a caminho em muito revelam perspectivas atreladas a votos de agradecimentos direcionados à vida físico-material: saúde, emprego, habitação, convívio socioambiental, entre outros, configurando a essência das peregrinações. Os *corpos em passos* pelas estradas são indicativos dos quais a pesquisa não pode descuidar, porquanto seja possível estabelecer, a partir deles, contato com anseios desejosos de prosperidade, o que é fruto da imaginação criativa que bem usufrui da geografia do lugar. Os modos de pagamento das promessas são variados nos acordos com a divindade. O espaço recebe parte dessas idealizações.

De acordo com Stoddard (1997), a peregrinação, incluindo a modalidade a pé, é uma forma tradicional cristã de aliança do homem com a divindade e, decerto, com o meio; um meio que, como já dito, serve ao ato do sacrifício e inscreve fatos humanos e sociais. Por outro dizer, a vida é pensada e praticada e tem pulsão no instante e no espaço da peregrinação: “caminhar é uma modalidade do pensamento. É um pensamento prático” (LABBUCCI, 2013, p.9) que, ao mesmo tempo em que representa a fuga do homem do mundo da técnica, traduz uma afirmação direta e explícita da condição de ser humano.

Caminhamos com o nosso corpo. Esse simples fato nos remete à vida nua, aos seus elementos e às suas necessidades mais elementares: comer, beber e dormir, frio e calor, cansaço e repouso, dor e prazer; a vida na qual os nossos sentidos estão todos trabalhando com uma potência e uma capacidade maravilhosas, que não experimentamos normalmente. Por isso, quem caminha volta logo sabendo que algo se perdeu, do qual não temos mais consciência: as estações, o clima. Estes são os protagonistas, frequentemente incômodos, das narrativas de viagem a pé; são também uma descoberta imediata e um aborrecimento constante de quem, pela primeira vez, decide entregar-se aos pés, dando-se conta, querendo ou não, da diferença substancial em relação a todos os outros meios de locomoção que, isolam ou protegem (LABBUCCI, 2013, p. 23-24).

⁸ Labucci (2013) compreende a arte de caminhar, na qual se enquadra o caminhar em peregrinação, como uma revolução. Para este autor, “não existe nada mais subversivo, mais alternativo em relação ao modo de pensar dominante, que o caminhar” (LABBUCCI, 2013, p. 9).

Compreendo as peregrinações a pé como formas simbólicas espaciais. Formas simbólicas de *ser no espaço*. Formas de *ser na paisagem*. As paisagens das peregrinações a pé textualizam vidas. Quando Notermans e Jansen (2011) indicam que, para compreendermos os significados que os peregrinos atribuem à peregrinação, devemos não só estudar os lugares sagrados para os quais eles se dirigem, mas também devemos levar consideração como ocorrem os seus movimentos no espaço e os objetos que se movem juntos com eles e os vinculam aos lugares buscados, nos deixam pistas de que a dimensão espacial das peregrinações a pé, embora pareça determinada, se mostra complexa. Na prática da peregrinação a vida dos peregrinos é simbolizada por meio dos seus passos, dos objetos que carregam consigo e por intermédio da paisagem. Mundo e espaço são significados quando os pés se põem a peregrinar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da mobilidade humana peregrinação traduz a expressão de significações atribuídas a um espaço de crenças e rituais e de cumprimento de promessas; espaço não homogêneo, complexo, mediante suas particularidades de tempo, cultura e lugar. Presente em vários pontos do território mundial e brasileiro, a peregrinação, a peregrinação a pé inclusive, mostra-se ainda como uma prática religiosa que necessita de investimentos no tocante ao desenvolvimento de teorias e metodologias geográfico-científicas capazes de fazer render novas interpretações. Avigorando o que já foi dito por outros, penso que os estudos empíricos carregam consigo valiosa contribuição neste sentido.

Para fechar este artigo, ao mesmo tempo em que visando reabrir os caminhos para as próximas investidas científicas da geografia no estudo das peregrinações, segue uma oração laica em lembrança alegórica aos peregrinos que colocam os seus pés em movimento num projeto, espacial, diga-se de passagem, de revolvimento em direção a si e ao mundo:

Elogio aos pés⁹

Porque suportam todo o peso¹⁰

Porque sabem se manter sobre apoios e pilares mínimos

Porque sabem correr sobre recifes, o que nem mesmo os cavalos fazem

Porque nos levam embora

⁹ E. DE LUCA *apud* LABUCCI 2013, p. 12. Segue a referência da obra original: E. De Luca, *Altre prove di risposta*, Nápoles, Edizioni Libreria Dante & Descartes, 2008, p. 77.

¹⁰ Os destaques em itálico são meus.

Porque são a parte mais aprisionada de um corpo encarcerado. E quem sai depois de muitos anos deve novamente aprender a caminhar em linha reta

Porque sabem saltar, e não é culpa deles se, mais acima no esqueleto, não há asas

Porque descalços são belos

Porque sabem plantar-se no meio da rua como mulas e funcionar como cerca viva diante do portão de uma fábrica

Porque sabem jogar bola e nadar

Porque, para qualquer povo prático, eram unidade de medida

Porque os das mulheres douravam nos versos de Pushkin

Porque os antigos os amavam e como primeira demonstração de hospitalidade lavavam os dos viajantes

Porque sabem orar balançando-se diante de um muro ou curvados atrás de um genuflexório

Porque jamais entendi como podem correr confiando em um único apoio

Porque são alegres e sabem dançar o maravilhoso tango, o crocante sapateado, a rufiona tarantela

Porque não sabem fungar e não empunham armas

Porque foram crucificados

Porque, até quando se quer alojá-los nos fundilhos de alguém, surge o escrúpulo de que o alvo pode não merecer tal suporte

Porque, como as cabras, amam o sal

Porque não têm pressa de nascer, mas, depois, quando chega a hora de morrer, em nome do corpo saem aos pontapés contra a morte.

Porque os pés não mentem.

REFERÊNCIAS

BHARDWAJ, S. M. Geography and Pilgrimage: A Review. In: STODDARD, R.; MORINIS, A. (Org.). **Sacred Places, Sacred Spaces** – The Geography of Pilgrimage. Baton Rouge: Louisiana State University, 1997, pp. 1-23.

CARBALLO, C. T. Repensar el territorio de la expresión religiosa. In: CARBALLO, C. T. (Org.). **Cultura, territorios y prácticas religiosas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

CARBALLO, C. T. Hierópolis como espacios em construcción: las prácticas peregrinas en Argentina. In: ROSENDAHL, Z. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

CARNEIRO, S. de Sá. **A pé e com fé: brasileiros no Caminho de Santiago**. São Paulo: Attar, 2007.

- CARNEIRO, S. de Sá. As peregrinações como atrações turísticas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org). **Geografia cultural: uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CLAVAL, P. **Terra dos homens: a geografia**. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GROS, F. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- JORGE, M. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.
- LABBUCCI, A. **Caminhar, uma revolução**. Tradução de Sérgio Maduro. São Paulo: Martins Fontes -- selo Martins, 2013.
- MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MONTCHEULL, Y. de. **Problemas de Vida Espiritual**. Coleção “Cidade de Deus”. Tradução de Maria de Lourdes Heider. São Paulo: Duas cidades, 1962.
- NOTERMANS, C. D.; JANSEN, W. H. M. Ex votos in Lourdes. Contested materiality of miraculous healings. **Material Religion**, 7 (2), 168-193., 2011.
- OLIVEIRA, C. D. Monteiro de. **Basílica de Aparecida**. São Paulo: Ed. Olho d’água., 2001.
- OSTERRIETH, A. Pilgrimage, travel and existential quest. In: STODDARD, R.; MORINIS, A. (Org.). **Sacred Places, Sacred Spaces – The Geography of Pilgrimage**. Baton Rouge: Louisiana State University, 1997, pp. 25-39.
- PARK, C. Religion and geography. In: HINNELLS, J. (ed). **Routledge Companion to the Study of Religion**. London: Routledge, 2004. p. 1-29.
- RIVIÈRE, C. Representação do espaço na peregrinação africana tradicional. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, Edição comemorativa (1993-2008), p. 37-45, Dez.; 2008.
- ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.
- ROSENDAHL, Z. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- ROSENDAHL, Z. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- ROSENDAHL, Z. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012a.

SANTOS, M da G. M. P. **Espiritualidade, Turismo e Território**: Estudo Geográfico de Fátima. Estoril: Principia, 2006.

SANTOS, M. da G. M. P. Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDHAL, Z. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SOUZA, J. A. X. de. Espaço sagrado e religiosidade: significados das peregrinações a pé. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 10., **Anais eletrônicos...** Campinas-SP, Unicamp, 2013. 1 CD.

STODDARD, R. H. Defining and Classifying Pilgrimages. In: STODDARD, R.; MORINIS, A. (Org.). **Sacred Places, Sacred Spaces** – The Geography of Pilgrimage. Baton Rouge: Louisiana State University, 1997, pp. 41-60.

STUMP, R W. **The geography of religion: faith, place, and space**. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

SUAVET, T. **A espiritualidade em plena vida**. Coleção “Cidade de Deus”. 5. Tradução de Rose Maria Muraro. São Paulo: Duas cidades, 1960.

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

WAGNER, P. L. Pilgrimage: Culture and Geography. In: STODDARD, R.; MORINIS, A. (Org.). **Sacred Places, Sacred Spaces** – The Geography of Pilgrimage. Baton Rouge: Louisiana State University, 1997, pp. 1-23.

Trabalho enviado em 15/05/2018

Trabalho aceito em 21/06/2018